

GÊNERO E SEXUALIDADE

No Ensino Médio Integrado



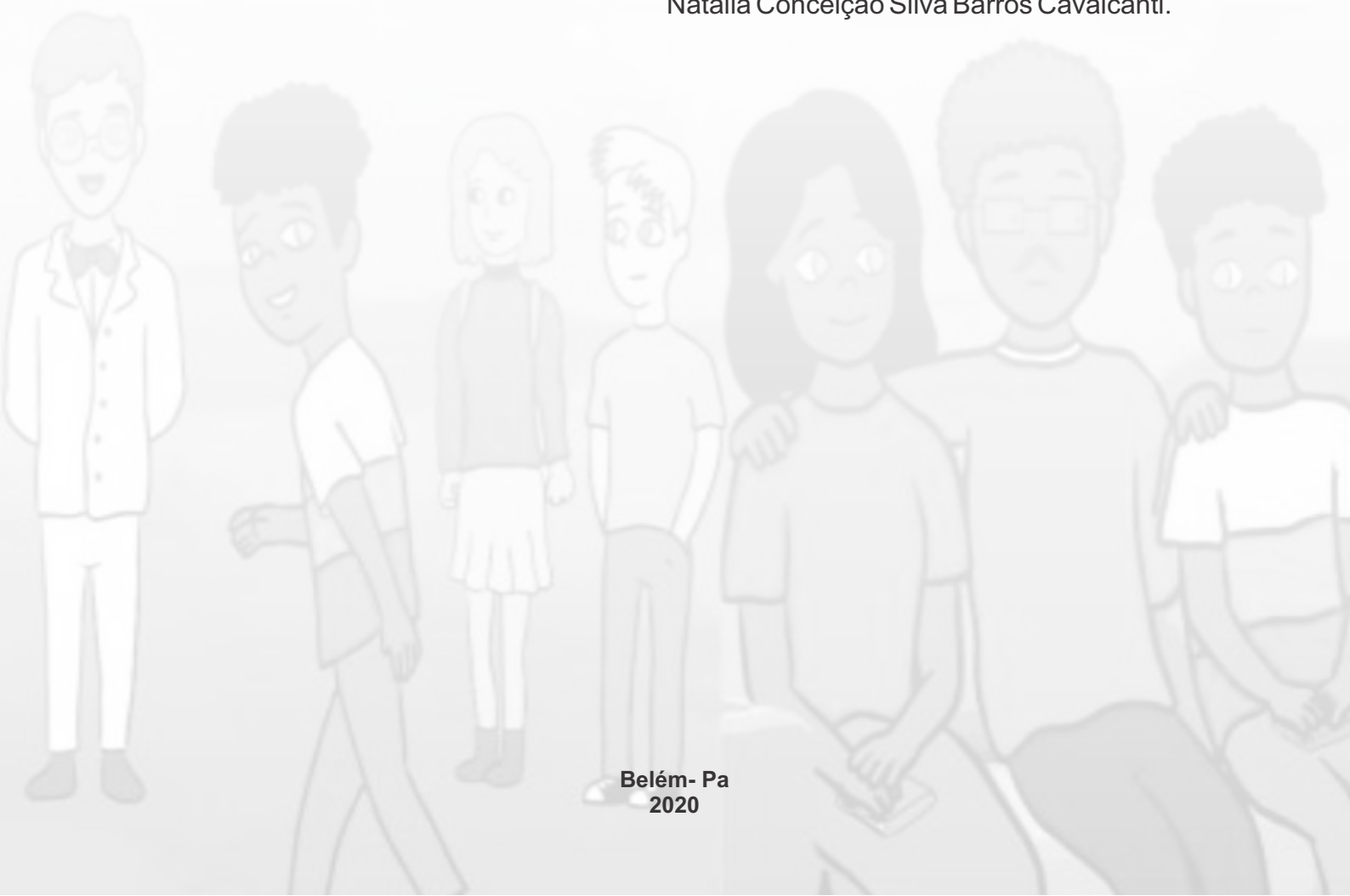


PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - PROFEPT
CAMPUS IFPA/BELÉM

ROBELANIA DOS SANTOS GEMAQUE

ROBELANIA DOS SANTOS GEMAQUE

Produto Educacional apresentado como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica orientado pela professora Dra. Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti.



Dados para catalogação na fonte:
Setor de Processamento Técnico
Biblioteca IFPA - Campus Belém

G322 Gemaque, Robelania dos Santos.
Gênero e sexualidade no ensino médio integrado / Robelania dos Santos
Gemaque. – Belém, 2020.
54 p.: il.

Orientador: Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti

Produto Educacional (Mestrado: Programa de Pós-graduação em
Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT) — Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, 2020.

1. Sexualidade – educação. 2. Ensino médio integrado. 3. Gênero.
I. Título.

CDD: 306.76

Ficha catalográfica e laborada por Cristiane Vieira da Silva – Bibliotecária CRB-2 PA - 001327/0

ROTEIRO

Amanda Alves de oliveira
Heloise Assunção Raulino
Jamilly Gabrielle Peixoto Cardoso
José Riquelme Campos Brito
Luana Lins Souza
Maria Eduarda Aleixo Soares
Tamires Rodrigues Couto
Thallysson Victor

Desenhos

Gustavo Luís da Costa Neves
Kleicianny Michelly do Rosario Campos

Revisão

Dra. Natália Conceição Silva Barros Cavalcanti – IFPA / PROFEPT
Prof.^a. Robelania dos Santos Gemaque – SEDUC / PROFEPT

Colaboradores

Prof.^a Cirlene da Silva Mendes
Formação Acadêmica: Pedagoga e Licenciada em letras português/Inglês – UFPA.
SEDUC / EETEP

Prof.^o Carlos Henrique Silva Gonçalves
Arquiteto, urbanista, designer de interiores e professor da educação profissional e tecnológica.
SEDUC / EETEP

DIAGRAMAÇÃO

Preto Michel
Editora Letras Periféricas

SUMÁRIO

1. APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO E MATERIALIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL	
1. 1. Abordagem metodológica e concepção da prática educativa.....	05
1.2. Fases de desenvolvimento da história em quadrinho.....	08
2. APRESENTAÇÃO.....	14
1º CAPÍTULO: Ben e a Escola	17
NOTAS DO PRIMEIRO CAPÍTULO: Gênero, Sexo e Sexualidade – conhecer e respeitar.....	29
2º CAPÍTULO: Família e homossexualidade.....	31
NOTAS DO SEGUNDO CAPÍTULO: Família escola e homossexualidade.....	40
3º CAPÍTULO: pessoas lgbti+ e o mundo trabalho.....	41
NOTAS DO TERCEIRO CAPÍTULO: Pessoas Trans e o mundo do trabalho.....	49
AGRADECIMENTOS	51
REFERÊNCIAS.....	52

1. APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO E MATERIALIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

1. 1. Abordagem metodológica e concepção da prática educativa

A história em quadrinho é resultado de uma prática educativa sobre gênero e sexualidade no Ensino Médio Integrado, desenvolvida em colaboração com dez estudantes do 3º ano do Ensino Médio Integrado do Curso de Design de Interiores, na Escola Estadual de Ensino Técnico Professor Francisco das Chagas Ribeiro de Azevedo – EETEP – CACAÚ.

Neste sentido, a HQ enquanto um produto educacional, vincula-se à linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica” e atende ao que dispõe o art. 17 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT.

Metodologicamente, o PE caracteriza-se pelo envolvimento entre a professora - pesquisadora e os estudantes em um projeto comum de investigação, e educação produzido dentro da ação, definido como pesquisa participante (HAGUETTE, 2010), e teve como objetivo geral construir uma prática educativa sobre Gênero e Sexualidade no Ensino Médio Integrado. Para tanto, nos orientamos de acordo com os seguintes objetivos específicos:

- a) investigar as narrativas proferidas no Ensino Médio Integrado e seus efeitos sobre os estudantes LGBTI+¹;
- b) pautar a temática gênero e sexualidade entre os jovens da EETEP;
- c) produzir uma história em quadrinhos sobre gênero, sexualidade e trabalho a partir das discussões e narrativas dos estudantes.

Os dados narrativos, coletados através de observação participante, formulários, entrevista e rodas de conversa, correspondem aos resultados da pesquisa, que sustentam a discussão do artigo e subsidiam a materialidade da história em quadrinho produzida em coparticipação com dez estudantes ao longo dos meses de agosto de dois mil e dezenove e janeiro de dois mil e vinte, totalizando treze encontros presenciais, conforme detalharemos mais à frente.

¹ A sigla LGBTI+ é utilizada neste trabalho na perspectiva de abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+ Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

Referencio a ação educativa desenvolvida durante a produção da HQ como práxis, na perspectiva freiriana de educação, enquanto manifestação individual e coletiva que se concretiza nas relações sociais e em produtos diversos como resultado da reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo (PIO; CARVALHO; MENDES, 2014).

É segundo as manifestações individuais e coletivas dos estudantes - participantes, caracterizadas por suas narrativas, que buscamos um significado para a história por eles produzida enquanto materialidade da práxis. Neste sentido, concebemos história em quadrinho a partir de

narrativas pessoais que se constituem naqueles relatos de experiências produzidas na primeira pessoa e que podem ser coletados a partir de conversas informais que ocorrem naturalmente nos estudos etnográficos, nas observações participantes, nos grupos focais, nas histórias de vida e nas fontes documentais, como nas cartas ou diários pessoais (ZACCARELI; GODOY, 2014).

Nodiálogo com os estudantes, mediado pelas rodas de conversa, como técnica para circular as ideias e fazer emergir as narrativas, iniciamos o trabalho de desenvolvimento do produto educacional. Este movimento deu voz aos personagens da HQ e possibilitou a produção e aplicação do conhecimento produzido pelos estudantes, como partes de um mesmo processo.

Os procedimentos adotados durante o desenvolvimento da pesquisa participante se caracterizam (Imagem 1) pela dinâmica -didático pedagógica conhecida como os “Três Momentos Pedagógicos” (MUENCHEN; DELIZOICOV, 2012, p.200) - problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento - em sua proximidade com a concepção freiriana de educação.

É importante ressaltar que a construção da prática educativa, no contexto de uma unidade educacional, é atravessada pela dinâmica vivenciada no espaço onde é realizada e dita um ritmo próprio de desenvolvimento. Assim, para dar conta da materialização da prática educativa, além dos encontros presenciais, combinados em comum acordo com a vice-diretora e coordenadora pedagógica da escola, realizamos também encontros “fora” desse cronograma inclusive aos sábados e feriados.



Essa necessidade ocorreu em função de vários fatores, dentre eles aponto três que foram determinantes para pensarmos estratégias de superação de dificuldades: as paralisações estaduais da categoria de professores; a suspensão das aulas por falta de energia elétrica na unidade educacional; e a realização da Feira de Ciência e Tecnologia da escola.

Além disso, a distância temporal entre um encontro e outro fez com que os próprios estudantes sentissem a necessidade de outro canal de interação que nos aproximasse e contribuísse para sanar as dúvidas que surgiram ao longo da semana após a realização das atividades. Dessa forma, criamos no WhatsApp o grupo “Quadrinho”, no qual participaram, além dos dez estudantes, o coordenador do Curso de Design de Interiores, a vice-diretora e coordenadora pedagógica da escola e a professora pesquisadora. Através do grupo, realizamos discussões que complementavam os encontros presenciais, bem como organizamos as reuniões “fora” do dia estipulado dentro do planejamento da atividade.

² Ressalto a imensa contribuição da vice diretora da EETEPA/COARACI -CACAU, que autorizou nosso acesso à escola nos dias não combinados para o desenvolvimento de atividades, e dos professores com a cessão de alguns horários de aula para a de exposição de vídeos.

No processo de desenvolvimento da práxis, enquanto relação entre teoria e prática, buscamos estabelecer relações horizontais entre os sujeitos da pesquisa, em que todos pudessem ensinar e aprender. Dessa forma, situo-me nesta pesquisa, que é ao mesmo tempo um processo de ensino aprendizagem, como professora-pesquisadora e sujeita que aprende a ensinar e aponto os dez estudantes participantes como sujeitos que aprendem a apreender.

1.2. Fases de desenvolvimento da história em quadrinho

Para facilitar a compreensão do movimento realizado durante o desenvolvimento do PE, dividimos estes momentos em quatro fases: I) roteiro; II) primeiro capítulo; III) segundo capítulo; e IV) terceiro capítulo, em que descrevemos os procedimentos adotados.

Quadro I – Fases de elaboração do roteiro da HQ

Participantes	Envolvimento na atividade	Observações e Narrativas
Professora Pesquisadora	Produção do texto base da discussão. Mediadora da roda de conversa. Orientação para a produção e revisão do roteiro geral da HQ.	Curiosidade sobre os temas e os significados dos conceitos. Engajamento na atividade. Tempo insuficiente para o desenvolvimento da roda de conversa.
Estudantes	Leitura do texto, reflexão e discussão na roda de conversa. Produção do roteiro geral da HQ.	"Aqui na EETEP todo mundo é bi" O que é cisgênero? "Professora o que que eu sou?" "Minha tia perguntou se eu não tenho medo de abraçar minha namorada na rua".
Recursos utilizados	Texto: "Gênero, sexualidade, orientação sexual" Livro de Sociologia "Sociologia em Movimento" ed. Moderna. Caderno de anotações.	

FONTE: Trabalho de Campo setembro 2019.

Para o primeiro encontro com o grupo de estudantes-participantes, utilizamos um texto base elaborado especificamente para este momento, em que procurei apresentar os principais conceitos sobre gênero e sexualidade, discutidos no componente curricular de Sociologia no Ensino Médio, e partir dele iniciamos a discussão sobre os temas utilizando a dinâmica de roda de conversa.

Muitas reflexões surgiram durante esse primeiro momento da atividade, atravessado por relatos das/os participantes sobre suas experiências pessoais e de

familiares, dúvidas (ou certezas e medo ou receio de nomeá-las, explicitá-las) em torno da própria sexualidade, e a normalização da bissexualidade no cotidiano da escola.

Nas palavras da participante E2, “professora, nós dizemos que aqui na EETEPA todo mundo é bi”, na sequência, entre risos e brincadeiras a participante E1 faz a seguinte pergunta: “professora, o quê, que eu sou?” , e entre risos das/dos participantes, a revelação de que a participante E1 se relaciona afetivamente com homens e mulheres, mas não nomeava essa relação como homoafetiva - bissexual.

Superada a expectativa do primeiro encontro, os próprios estudantes-participantes subdividiram as atividades de produção da HQ , segundo o critério de auto-reconhecimento de suas habilidades. Assim, sete participantes-estudantes ficaram responsáveis pela elaboração dos roteiros dos capítulos, dois participantes-estudantes ficaram responsáveis pelos desenhos, e um participante-estudante ficou responsável pela formatação dos capítulos, momento que se caracteriza pela junção dos desenhos e falas dos personagens para formar a página da HQ conforme demonstramos na imagem abaixo.

IMAGEM 2 - PASSO A PASSO DE PRODUÇÃO DA HQ



Por se tratar de um produto educativo, direcionado aos estudantes do Ensino Médio e Ensino Médio Integrado, caracterizado em sua maioria por adolescentes,

Quadro II - Fases da produção do primeiro capítulo

Participantes	Envolvimento na atividade	Observações e Narrativas
Professora Pesquisadora	Mediadora da roda de conversa. Orientação para a produção do roteiro do primeiro capítulo. Revisão do roteiro do primeiro capítulo.	Emergiram narrativas de preconceitos sofridas por “outros” sujeitos (família e amigos) Preconceito fundado na ideologia de gênero e orientação religiosa.
Estudantes	Reflexão e debate dos conceitos apresentados no texto utilizado na produção geral do roteiro da HQ. Produção do roteiro do primeiro capítulo. Construção das falas e desenhos dos personagens da HQ. Edição do capítulo no formato de HQ	Narrativas do medo em assumir-se gay e bissexual Dificuldade na aceitação da bissexualidade na família “Professora o que é heteronormatividade”.
Recursos utilizados	Livro “Sociologia em Movimento” - Ed. Moderna e Caderno de anotações.	

FONTE: Trabalho de Campo setembro 2019.

solicitei aos estudantes que se vissem como parte desse público. Dessa forma enfatizei que os diálogos construídos para os personagens da HQ, deveriam ter proximidade com a realidade que experienciam no seu dia a dia e de suas vivências, quer seja como pessoas LGBTI+, quer seja na relação com estudantes que assim se identificam.

A preocupação com a linguagem direcionada a um público específico e adequada ao formato de história em quadrinho trouxe uma segunda preocupação: o caráter acadêmico do trabalho. Considerando essa especificidade, enfatizamos o zelo na utilização dos conceitos e das informações apresentadas. Neste sentido antes da formatação dos capítulos, adotamos um processo intenso de revisão, completando o círculo dialógico que caracterizou todo o processo de produção da HQ. O engajamento dos estudantes-participantes nas atividades ficou evidente desde o início. Já no terceiro encontro, apresentaram o roteiro geral da HQ e, após o

movimento de revisão realizado na dinâmica entre estudantes, professora pesquisadora e a professora orientadora, iniciamos as fases de produção dos capítulos.

As etapas de elaboração do roteiro do segundo capítulo (QUADRO III) coincidiu com a preparação para a FETEC - Feira de Ciência e Tecnologia – cujo tema foi Tecnologia e sustentabilidade ambiental na Amazônia, ocorrida em

Quadro III - Fases de produção do segundo capítulo

Participantes	Envolvimento na atividade	Observações e Narrativas
Gestora	Negociação do tempo para a exposição do vídeo. Cessão da sala de aula e equipamento de vídeo.	Descrição nos resultados.
Professora Pesquisadora	Exibição de vídeo. Mediadora da roda de conversa. Produção e revisão do roteiro do segundo capítulo.	Participação colaborativa entre a gestão, professores e a pesquisadora. Percepção da aproximação entre a vivências dos estudantes LGBTI+ e as narrativas dos entrevistados no vídeo.
Estudantes	Participação na sessão de exibição do vídeo. Reflexão e debate sobre os significados do vídeo na roda de conversa. Produção do roteiro do segundo capítulo. Construção das falas e desenhos dos personagens da HQ Edição da HQ.	Aproximação entre a vivências dos estudantes LGBTI+ e as narrativas dos entrevistados no vídeo. Impacto nos estudantes sobre a importância do apoio da família na orientação sexual dos estudantes.
Recursos utilizados	Vídeo Colorindo: Heteronormatividade na cultura escolar do Amapá, e caderno de anotações.	

FONTE: Trabalho de Campo Outubro 2019.

dezembro de dois mil e dezenove trouxe novos desafios tendo em vista que os participantes da produção da HQ estiveram envolvidos nos ensaios para apresentação de uma peça para o evento.

Ainda assim, conseguimos realizar a exibição do vídeo educativo “Colorindo: Heteronormatividade na cultura escolar do Amapá” - e uma roda de conversa. Entretanto, a participação dos estudantes em duas atividades, ao mesmo tempo, inviabilizou o aproveitamento desta fase de produção da HQ, sendo necessário repeti-la, dessa forma a conclusão do segundo capítulo só ocorreu em janeiro de dois mil e vinte após várias revisões.

Aponto a fase de produção do terceiro capítulo (Quadro IV) como o segundo momento mais difícil para o desenvolvimento da prática educativa e produção da HQ.

Período de retorno pós feriados de final de ano recuperação final para o encerramento do ano letivo, serviços de reforma da escola e por conta disso, a interdição dos blocos de salas de aulas, o efeito positivo da boa relação estabelecida com a direção da escola mais uma vez se mostrou fundamental para que pudéssemos encaminhar as atividades.

Quadro IV - Fases de produção do terceiro capítulo

Participantes	Envolvimento na atividade	Significados e narrativas produzidas
Gestora	Cessão da sala e equipamento de vídeo.	Descrição nos resultados
Professora Pesquisadora	Exibição de vídeo. Mediadora da roda de conversa. Orientações para a produção do roteiro do terceiro capítulo. Revisão do terceiro capítulo.	Dificuldade na apreensão da mensagem passada pelos vídeos. Pouco conhecimento sobre as pessoas transgêneras.
Estudantes	Exibição do vídeo. Reflexão e debate sobre os significados do vídeo na roda de conversa. Produção do roteiro do segundo capítulo. Construção das falas e desenhos dos personagens da HQ, Edição da HQ.	“Professora, vamos fazer a gerente de recursos humanos uma mulher transgênera” Ideias como o uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero e o nome social. “Eu não concordo mas se elas tem direito...”
Recursos utilizados	Datashow, sala de aula; documentários: “A inclusão LGBT no mercado de trabalho e a luta por oportunidade iguais”; e “Preconceito é maior barreira para LGBT’s no mercado de trabalho”.	

FONTE: Trabalho de Campo dezembro de 2019 a janeiro de 2020.

Em meio a esse conjunto de situações adversas, a vice-diretora providenciou uma sala no bloco novo, apelidado pelos estudantes de “minha casa minha vida”, e neste espaço, conseguimos realizar as atividades que subsidiaram a elaboração do roteiro do terceiro capítulo da HQ. Imersos neste contexto, iniciamos as fases preparatórias para a produção do último capítulo, com a exibição de dois vídeos e a roda de conversa.

Entretanto, logo ficou evidente as intercorrências na atividade como dificuldades em relacionar pessoas transgêneras³ e mundo do trabalho.

Para a superação dessa dificuldade repetimos a exibição dos vídeos documentários e realizamos três rodas de conversa, além das discussões no grupo de WhatsApp, até chegarmos à versão final do roteiro e falas dos personagens. A produção dos desenhos e edição da HQ ocorreu durante o mês de fevereiro e a finalização das atividades presenciais com os estudantes encerrou em março de dois mil e vinte.

- Por se tratar de um produto educativo, elaboramos três notas de capítulos
- I Gênero, sexo e sexualidade: Conhecer e respeitar;
 - II. Família, escola e homossexualidade;
 - III. Pessoas trans e o mundo do trabalho

Os três textos complementam o sentido proposto para a HQ enquanto uma prática educativa.

³ Segundo Letícia Lanz (2015) não faz sentido escrever “travestis, transexuais e transgêneros”, ou usar TTT na sigla LGBTI+, uma vez que travestis e transexuais são transgênero por definição. Ou escreva-se travestis e transexuais, ou escreva-se transgêneros, ou, de preferência, pessoas trans (apud REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018, p. 30).

2. APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Intitulada *Gênero e Sexualidade no Ensino Médio Integrado* história em quadrinho desenvolve-se em três espaços de sociabilidades: a escola, a família e o mundo do trabalho. O enredo da história em quadrinho se desenvolve a partir da vivência entre as personagens fictícias:

- ✓ Benjamin, homem-cisgênero-gay, estudante do terceiro ano do Ensino Médio, tratado na HQ apenas como Ben.
- ✓ Lídia, mulher-cisgênero-heterossexual, estudante do Ensino Médio, namorada de Ben.
- ✓ Thalles, homem-cisgênero - heterossexual, estudante do Ensino Médio e melhor amigo de Ben.
- ✓ Rick, homem-cisgênero-heterossexual, professor.
- ✓ Sr. Raimundo, homem-cisgênero-heterossexual, pai de Ben.
- ✓ Lolita, mulher-cisgênero-heterossexual, mãe de Ben.
- ✓ Cássia, mulher-transgênero – (hetero?), Gerente de Recursos Humanos e Seleção de Pessoas.
- ✓ Jorge, homem-cisgênero-gay, gerente operacional na empresa em que sr. Raimundo busca uma colocação no mundo do trabalho.

O primeiro capítulo apresenta Ben, estudante do 3º ano do Ensino Médio que atravessa um momento confuso sobre sua sexualidade. Namora Lídia, mas sente forte atração por seu amigo Thalles. Certo dia, Ben estando a sós com Thalles, num impulso, beija o amigo que assustado afasta-se furioso. Ben fica constrangido diante da rejeição de Thalles e sai chateado. Thalles irritado com a atitude de Ben, utiliza-se de sua popularidade entre os estudantes e comenta com todos da escola sobre a orientação sexual de Ben, e se referindo ao Ben utilizando a palavra gay como um xingamento. Lídia, ao tomar conhecimento dos comentários, sente se enganada por Ben e termina o namoro. A partir daí, Ben passa a ser alvo de bullying na escola em função da orientação sexual.

Professor Rick, ao perceber o sofrimento pelo qual o estudante vinha sofrendo, ao final das aulas do dia, decide conversar com Benjamin. O professor acolhe a tristeza de Ben, e no dia seguinte resolve ministrar uma aula sobre o dia do orgulho gay. O professor utiliza o evento ocorrido entre policiais e frequentadores do Bar Stonewall Inn, em Nova York, em 28 de junho de 1969 como marco da politização do movimento LGBTI+ para explicar a luta por direitos das pessoas que estão inseridas neste espectro.

Durante a aula, Rick discute com a turma as diferenças entre os conceitos de gênero, sexo e sexualidade e ressalta a importância do debate sobre o tema na escola para o respeito das identidades de gênero e a orientação sexual dos estudantes. Ao final, mais seguro da sua orientação sexual, e mais confiante para resistir diante dos preconceitos que enfrentará, Ben procura por Lídia, e pede desculpas por sua atitude, Lídia por sua vez, compreende a atitude de Ben e a amizade entre os dois é restituída.

No segundo capítulo, Ben enfrenta o desafio de falar aos pais sobre a afirmação de sua sexualidade e, naquele mesmo dia em casa, ainda sob o efeito da aula, realiza pesquisa sobre a condição dos gays no Brasil e sobre os conceitos explicados por seu professor na escola. Num dado momento, Ben dirige-se ao banho e enquanto isso pensa em como contar a seus pais sobre ser gay.

Envolto em suas preocupações, Ben não percebeu que deixara seu notebook aberto, e não notou quando o pai entra em seu quarto e pede o notebook emprestado. Ben é reposicionado em sua realidade ao ouvir um grito do pai escandalizado com a descoberta da sexualidade do filho. Sr. Raimundo atribuiu a responsabilidade sobre o comportamento homossexual de Ben à mãe, Sra. Lolita, que, entristecida com a briga entre Ben e o pai e decepcionada com o filho, fica paralisada enquanto Sr. Raimundo sai batendo a porta do quarto dizendo que não aceita o fato de não ter um filho “homem”.

O terceiro capítulo se desenvolve a partir do desconforto de sr. Raimundo diante de uma entrevista de emprego. Desempregado, sai para uma entrevista, momento em que é confrontado com o seu preconceito em relação à orientação sexual do filho ao se deparar com a executiva chefe do setor de Gestão de Recursos Humanos e Seleção de Pessoal, Cássia, mulher-transgênero, negra, e o Gerente Operacional, Jorge, homem-cisgênero-gay.

Desconfortável, sr. Raimundo assiste Cássia falar sobre as transformações culturais e de comportamento ocorridas no mundo, e a influência dessas transformações no mundo do trabalho. Cássia informa ao sr. Raimundo sobre a política de empregabilidade de pessoas LGBTI+ desenvolvida pela empresa. Enquanto ouve as explicações de Cássia, sr. Raimundo reflete sobre seu comportamento em relação a Benjamin e um nervosismo começa a tomar conta quando Cássia lhe pergunta se tem algum problema em seguir a política de inclusão social da empresa em relação à empregabilidade de pessoas LGBTI+, e como é sua relação com as diferenças.

Durante a volta para casa, sr. Raimundo reflete sobre a experiência da entrevista e, mesmo sem compreender na sua totalidade a complexidade das informações que recebeu, percebe que precisa rever algumas posturas e padrões de comportamento, assimilados durante sua vida.

Durante o jantar, sr. Raimundo é questionado por Lolita sobre a entrevista, e ainda impactado pela experiência vivida, admite a necessidade de entender a orientação sexual de Ben, e inicia seu processo de desaprender para aprender de novo – desconstrução – valores, normas e padrões de comportamento, para a aceitação do outro, como seres humanos iguais em dignidade e direitos, conforme aponta a Declaração Universal de Direitos Humanos.

BENJAMIN E A ESCOLA

Sábado de manhã...

Ben: Tudo bem mor, até amanhã então 🥰

Lídia: Oi mor, não vou poder ir pro aniversário do Edu com você e o Thalles, desculpa.

Sábado à noite...

E aí cara, onde tá a Lídia?

Ela não pode vim

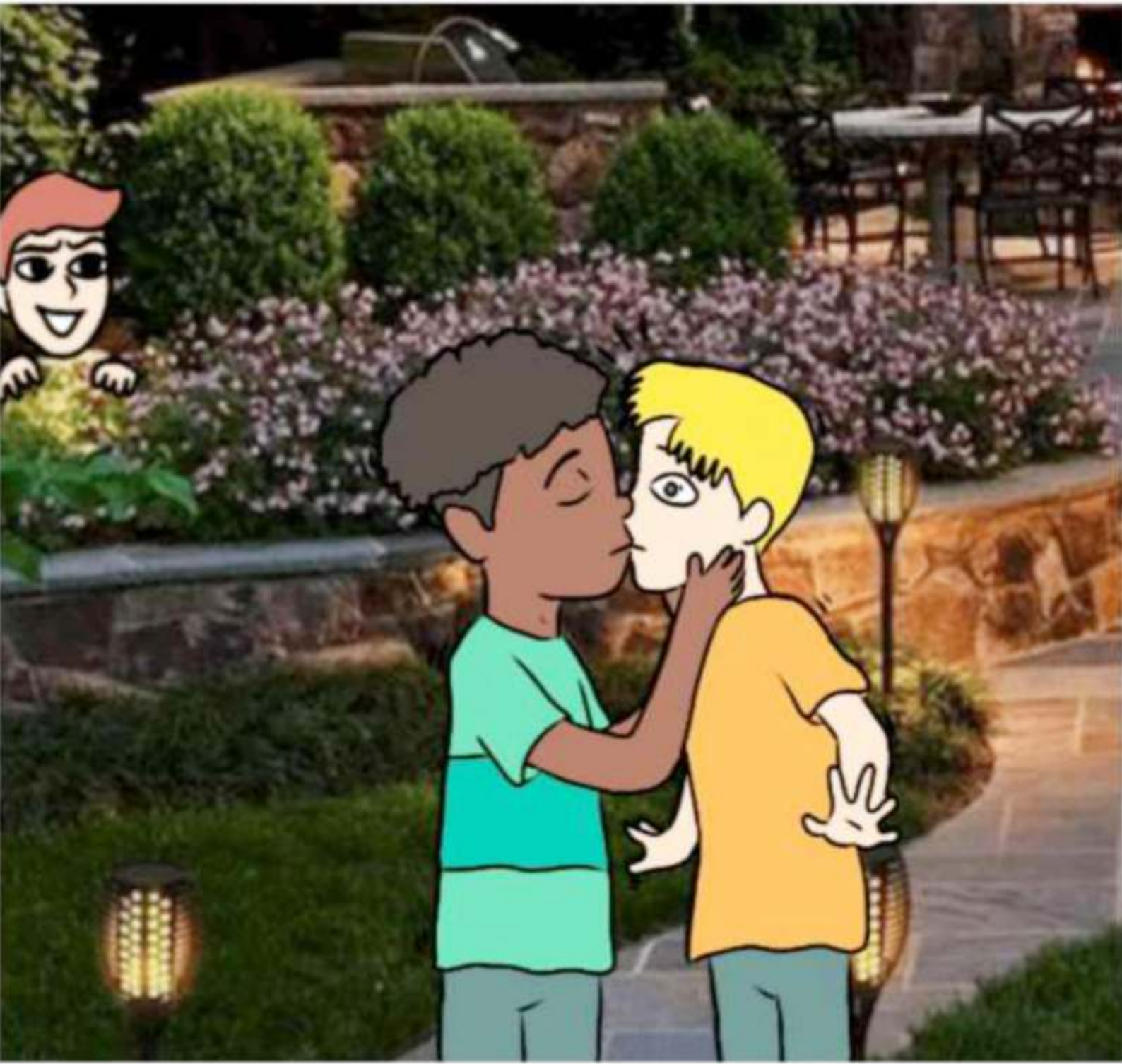
Vou tomar alguma bebida, quer um suco?

Quero sim, valeu

1 Hora Depois..



No jardim..





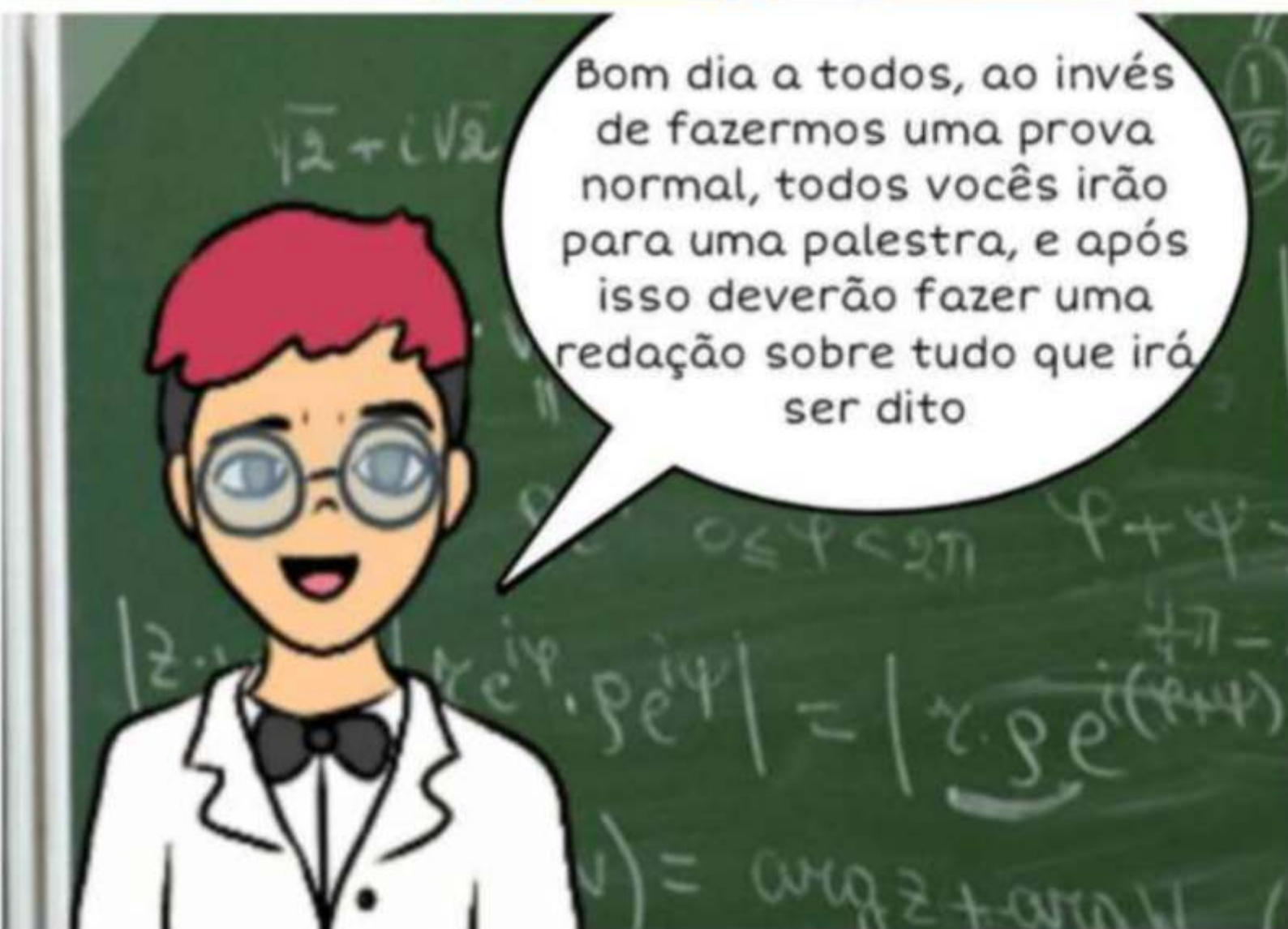
Segunda de manhã...





Na sala de aula..





Na palestra...

Ainda existe uma confusão quando se fala de sexo, gênero e sexualidade. Alguém aqui sabe algo sobre isso?

Eu só sei que ele é gay!

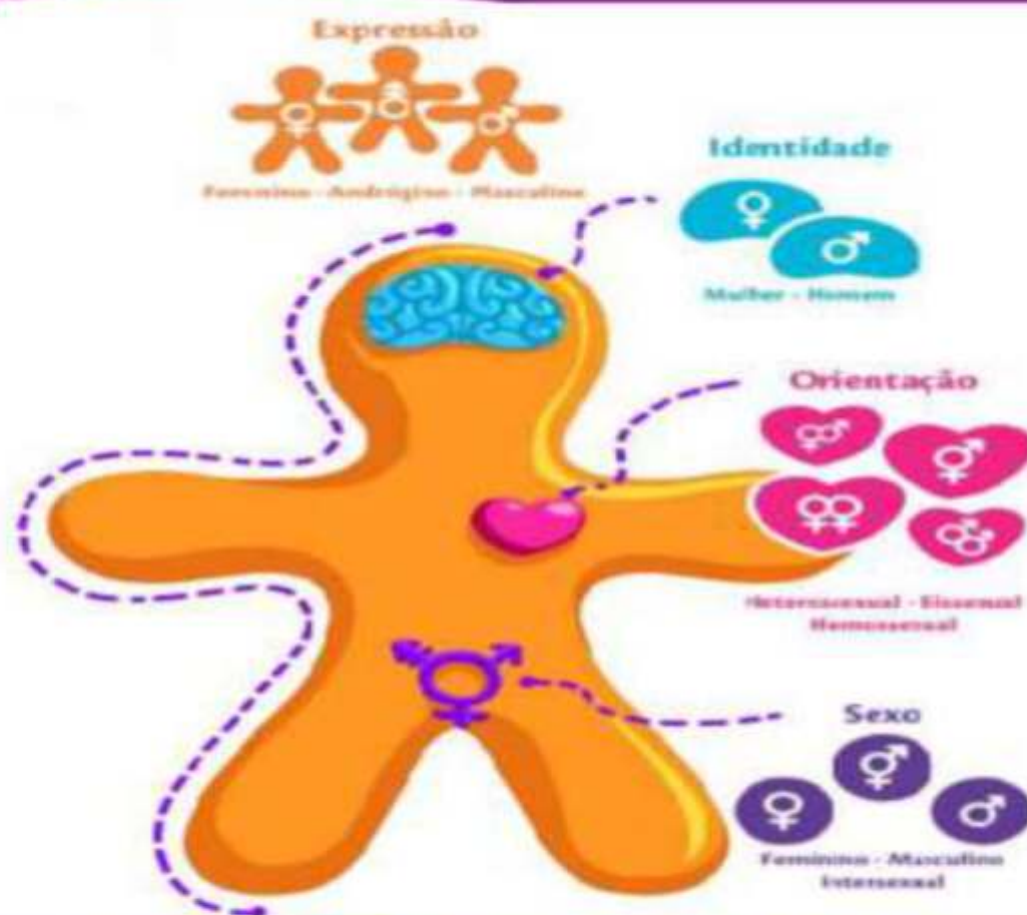
Err.. isso não é bem da nossa conta, não é mesmo?

Mas ser gay se encaixa dentro do termo sexualidade. Alguém sabe me dizer o que é sexualidade? Sem "brincadeiras" agora, por favor.

Mas isso não é o sexo?

Acho que está relacionada com a questão biológica, né?


EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO



PROFESSOR: Boa, é isso aí pessoal!!!
O sexo biológico diz respeito às características biológicas que apresentamos ao nascer. Em um primeiro momento, isso infere que a pessoa pode nascer macho, fêmea ou intersexual, não há gênero no sexo biológico em si, o que existe é uma expectativa social de gênero em relação ao corpo/genital.

E a orientação sexual meu povo? Como podemos compreender? A literatura especializada no assunto nos ensina que está relacionada com a capacidade que cada pessoa pode ter de sentir uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas.

Já a sexualidade galera, faz parte de construções culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias, o exercício do significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos.




ESTUDANTXS:
mas o que
significam todas
essas coisas?

PROFESSOR: Então, queridxs. Por exemplo se uma mulher se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/ gênero, sejam elas cis ou trans, significa que essa mulher possivelmente se identifica como lésbica. E não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas.

Esses são chamados de Assexuais, eles não sentem atração sexual por qualquer pessoa e seus interesses em relação às atividades sexuais são mínimas ou quase inexistente.

Quando falamos de pessoas bissexuais, estamos falando daquelas pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros. Sacaram?

Pois bem. Mas vocês sabiam que existem pessoas que não sentem nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual?



Agora vamos para o último ponto: Identidade de gênero. Antes de tudo, temos que falar o que é gênero. Bem pessoal, gênero é uma construção sócio-cultural, que nos é ensinada desde pequenos através de símbolos e comportamentos.

Ou seja, o que dizem ser "de homem" e "de mulher". Então identidade de gênero com qual você se identifica. E todas essas coisas, galera, acabam gerando uma expectativa social.

Por exemplo, se um garoto não gostar de jogar futebol, brincar com carrinhos, mas gostar de bonecas e maquiagem, esse menino seria julgado pela maioria das pessoas por estar quebrando a expectativa social.



PROFESSOR: É ISSO O QUE ACONTECEU COM A COMUNIDADE LGBT, QUE SÓ COMEÇOU A LUTAR PELOS OS SEUS DIREITOS EM 1969, QUANDO HOVE O GRANDE MARÇO HISTÓRICO DE RESISTÊNCIA E LUTA COM AS REBELIÕES DE STONEWALL, ONDE VÁRIOS LGBTs SE ORGANIZARAM PARA LUTAR CONTRA A POLÍCIA QUE OS OPRIMIAM COM VIOLÊNCIA, DEPOIS DE UMA INVASÃO A UM BAR, EM 28 DE JUNHO, ONDE FORAM MORTOS.

É POR ISSO QUE ESSA DATA É RECONHECIDA HOJE COMO O DIA INTERNACIONAL DO ORGUHO LGBT.



GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE: CONHECER E RESPEITAR

É através das feministas anglo-saxãs que *gender* (gênero) passa a ser usado como distinto de *sex*. Visando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como *sexo* ou *diferença sexual*”, elas desejam acentuar, através da linguagem, “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no *sexo*” (Scott, 1995, p.72). O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política.

Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são “trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”. Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora da sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Ocorre então uma importante transformação nos estudos Feministas – transformação essa que não se faz sem intensas discussões e polêmicas. Implicado linguística e politicamente no debate anglo-saxão, o termo não poderia ser simplesmente transposto para outros contextos sem que sofresse, também nesses novos espaços, um processo de disputa, de ressignificação e de apropriação. Assim, no Brasil, será já no final dos anos 80 que, a princípio timidamente, depois mais amplamente, feministas passarão a utilizar o termo “GÊNERO.”

As sociedades da modernidade tardia, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” — isto é, de identidades — para os indivíduos. De fato, os sujeitos são, ao mesmo tempo, homens ou mulheres, de determinada etnia, classe, sexualidade, nacionalidade; são participantes ou não de uma determinada confissão religiosa ou de um partido político... Essas múltiplas identidades não podem, no entanto, ser percebidas como se fossem “camadas” que se sobrepõem umas às outras, como se o sujeito fosse se fazendo “somando-as” ou agregando-as.

Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; podem ser contraditórias; provocam, enfim, diferentes “posições”. Essas distintas posições podem se mostrar conflitantes até mesmo para os próprios sujeitos, fazendo-os oscilar, deslizar entre elas — perceber-se de distintos modos.

Apesar dos padrões heteronormativos (construídos, aceitos e reconhecidos socialmente), existe um espectro da condição humana, inerente àquelas pessoas que não se

identificam com o gênero atribuído no nascimento, são seres humanos transgêneros, sendo identificados como: Travestis, Mulheres Transexuais, Homens Trans, Transmasculinos e demais pessoas trans.

Travestis: Pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero masculino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino e tem expressão de gênero feminina, mas não se reivindicam como mulheres da forma com que o ser mulher está construído em nossa sociedade.

Mulheres Transexuais: São pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero masculino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino e se reivindicam como mulheres.

Homens Trans: São aquelas pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero feminino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero masculino e se reivindicam como homens.

Transmasculinos: São aquelas pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero feminino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao espectro do gênero masculino, tem expressão de gênero masculina, mas não se reivindicam da forma com que o ser homem está construído em nossa sociedade.

Uma confusão muito comum é entre os conceitos de travesti e drag queen. As travestis são pessoas que levam a figura feminina para o seu dia a dia por identificação pessoal. Já as drag queens são artistas (homens ou mulheres) que se “montam” (cabelo, maquiagem, roupas e acessórios) com a intenção de divertir e expressar sua arte. Ser drag não está relacionado à orientação sexual, já que héteros também podem incorporar tais personagens.

Desde 2008, o Brasil adota como nomenclatura oficial o termo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros). O T da sigla representa as travestis e transexuais. Antigamente, era comum o uso da sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), mas as demais orientações eram excluídas e optou-se por uma reformulação dessa nomenclatura.

Outros países utilizam siglas diferentes, agregando o I ao LGBT para representar os intersexuais. Há, ainda, grupos representativos que acrescentam o Q para referir-se também aos chamados “queers”, pessoas que não se limitam a nenhuma nomenclatura (binária ou não) e estão abertas a relacionarem-se com diferentes gêneros. Os “queers” vão além da sexualidade e da aparência física, eles discutem os papéis sociais de homens e mulheres e representam o desvio do que é condicionado pela sociedade conservadora.

Com a vasta quantidade de nomenclaturas, muitas dúvidas surgem sobre como se referir à pessoa, se deve-se usar ele, ela, o ou a. Por exemplo, o correto é falar “a” travesti, já que a figura social é feminina, a pessoa identifica-se como mulher. Já em relação ao transexual, o tratamento vai depender se o indivíduo identifica-se como homem ou mulher. Novas nomenclaturas podem surgir nos próximos anos, o que mudará o que conhecemos atualmente. Independentemente de orientação sexual ou identidade de gênero, deve prevalecer o respeito ao indivíduo pela maneira como ele ou ela se identifica.

FONTE: LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidades e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista –Petrópolis, RJ: Vozes, 1997; Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020

FAMÍLIA E HOMOSSEXUALIDADE

Na volta para casa...

Gênero...
Sexualidade...
Isso é tão
complexo!

Eu preciso
descansar
e pensar.






Na manhã seguinte...

Filho, está tudo bem? Você não foi para escola?

TOC TOC

Não me sinto bem mãe, depois desço para tomar café.



Quem sabe eu encontro algo na internet.

"Como falar que é gay para seus pais".



Depois eu penso nisso... É melhor eu comer alguma coisa.



"Contar que é gay para os pais não é fácil...".

Que som é esse? Será que o Ben esqueceu o computador ligado?



Mas o que é isso!?

**BENJAMIN
!!!!!!**

Como se assumir gay!? O que esse moleque quer dizer!?



Me explica! O que é isso!?

Isso não pode ser possível! Preferia não ter tido filho a ter um filho gay!

YOU TUBE
COMO DIZER PARA OS PAIS QUE E GAY!



Esse garoto é uma vergonha pra mim! Isso é tudo culpa sua! Mimou demais esse garoto.



Não quero olhar pra cara dele!





Eu não sei como falar para a senhora...

Falar o quê?



Eu sou gay e não tem problema que eu seja assim. Eu assisti a um vídeo, o Colorindo, nele eu percebi que o apoio da família é muito importante e eu queria esse apoio de vocês...

Queria que me ajudassem a resistir diante do preconceito que passei e que em algum momento ainda posso passar, mas aqui em casa está sendo pior que na escola.



Segunda-Feira

Na escola...



E por aquilo
que aconteceu
na festa... Eu
te perdoo.

FAMÍLIA ESCOLA E HOMOSSEXUALIDADE

Mônica Magrini de Lima Silva; Juliana Fernandes Furlan Frutuozo; Marianne Ramos Feijó; Nelson Iguimar Valerio; Ulisses Herrera Chaves, a partir de pesquisa qualitativa realizada por meio das narrativas de cinco homens com orientação homossexual, do interior do Estado de São Paulo, Brasil, com idades entre 21 e 25 anos, buscaram compreender a vivência de homens com orientação homossexual e a construção dos significados da homossexualidade em suas respectivas famílias de origem, por meio das narrativas dos participantes. De acordo com os pesquisadores, os entrevistados relataram situações difíceis relacionadas a vivência da homossexualidade, inclusive no momento da decisão de contar para as famílias. O estudo, compatível com dados da literatura, mostrou que os preconceitos socialmente mantidos em relação às diversas formas dos indivíduos vivenciarem sua sexualidade colaboram para as dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina, ainda nos dias atuais.

Uma das narrativas, é ilustrativa do que Benjamin, personagem fictício da história em quadrinho, enfrenta com a família, principalmente com a figura paterna, em relação à aceitação da sua homossexualidade.

[...]reside com os seus pais e sua família é composta por quatro pessoas: ele, a mãe, o pai e uma irmã mais nova. Em sua família de origem paterna, observa-se que duas tias e um tio tiveram filhos homens que apresentam orientação homossexual. O pai de Roberto teve uma relação distante e conflituosa com o seu pai, e este padrão de relacionamento também se repetiu na relação dele com o próprio filho que, apesar de ter um conflito de comunicação e de afetividade com o pai, mantém-se próximo aos avós paternos, numa relação afetiva amorosa.

Com relação a isso [...] diz:

Vejo muita dificuldade. Principalmente... dentro de casa. É porque com a família quando você tem um relacionamento assim amoroso é difícil você ficar mentindo com teu pai, com a tua mãe... É ele não entende muito o mundo de hoje; como as coisas funcionam. Ele tem a cabeça meio pequena... Eu e meu pai tem um relacionamento bem assim, distante.

Com relação à orientação homossexual, no geral, os entrevistados disseram terem tido a percepção de seus desejos homossexuais entre os sete e catorze anos de idade, mas somente na adolescência vieram a expressá-los. A esse respeito [...] afirma:

“eu já percebi que gostava do mesmo sexo que eu quando eu tinha sete anos... já sabia que eu gostava só que eu nunca me voltei pra esse lado; desde pequeno eu fui me guardando, guardando, guardando até que chegou aonde tá hoje.”

Há semelhança dos dados da literatura para a maioria dos entrevistados. Na presente pesquisa, a aceitação da orientação homossexual foi permeada por dificuldades, principalmente no sentido de definir e declarar sua identidade sexual frente à família de origem, que em geral espera algo diferente (Horta, 2007). De um modo geral, esta dificuldade aparece no relacionamento entre os participantes e a pessoa do pai.

A dificuldade do entrevistado na pesquisa, reflete a dificuldade de muitos estudantes diante da afirmação da sua orientação sexual, que tem início ainda na família, mas perpassa também para outras redes de sociabilidades como a escola e o trabalho. Daí a necessidade de discutir gênero e sexualidade no cotidiano escolar tendo em vista o combate à homofobia, como um fenômeno social relacionando a preconceitos, discriminações e violência contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade.

PESSOAS LGBTI+ E OMUNDO TRABALHO

NA ENTREVISTA DE EMPREGO...

Bom dia! Meu nome é Raimundo e vim para a entrevista de emprego.

Certo. Acompanhe-me, Raimundo!

Aguarde aqui, por favor.

Sr. Raimundo, pode entrar!

GESTÃO DE PESSOAS E RECURSOS HUMANOS

Então, Sr. Raimundo, fazemos parte de uma rede sólida, que apoia e respeita todas as diferenças, sejam elas de cor ou etnia, classe, gênero, religião e orientação sexual.

Como você quer que eu te chame?

O senhor tem algum problema em conviver com pessoas com ideias, pensamentos, formas de ver e estar no mundo diferentes da sua???

Nã-nãão...

CÁSSIA
Gerente de recursos humanos

Ah! Que bom, Sr. Raimundo! Aqui na empresa nós adotamos a política de empregabilidade de pessoas trans.

Como você quer que eu te chame?

Vou direcioná-lo para o gerente operacional Jorge Skaravansky, o qual irá apresentar as dependências da empresa.

Bom dia, Sr. Raimundo! Acompanhe-me, por favor.

Como você quer que eu te chame?



Chegamos aos banheiros e vestiário...

...Outra pauta que a empresa procura defender é o direito de pessoas transexuais usarem banheiros conforme sua "identidade de gênero", ou seja, como se percebem (homem ou mulher), independentemente do sexo ao qual pertencem.

Sabemos que há resistência por parte de alguns funcionários sobre a política da empresa em relação à empregabilidade de pessoas transgêneras...

...mas não podemos nos isolar do que acontece no mundo e ignorar a existência de pessoas lésbicas, gays, travestis, transexuais e transgêneras que estão em luta pelo reconhecimento dos seus direitos.



CHEGANDO EM CASA...



NA SALA DE JANTAR...



Como foi a entrevista de emprego?

Diferente.

Diferente como? Não gostou da empresa?

NA SALA DE ESTAR...



Fale sobre a experiência que você viveu na entrevista de emprego.

Foi estranho. A política de empregabilidade da empresa me deixou bastante impactado.

Impactado como?

o gerente operacional é homem mas pelo que entendi não se relaciona sexualmente com mulheres. Me mostrou a empresa, falou sobre nome social, banheiro social que as pessoas que fizeram a mudança de sexo que trabalham na empresa podem usar.

Cássia, a gerente de recursos humanos e gestão de pessoas que me entrevistou nasceu homem, mas fez a 'transição' e hoje é uma mulher trans, formada em psicologia, comanda o departamento de recursos humanos da empresa.

Meu Deus!!! O que são todas essas coisas?

Pois é. Senti vergonha de mim, por desconhecer todas essas coisas. A experiência de hoje me fez perceber como o mundo mudou, as formas das pessoas se relacionarem também. Não sei se estou preparado para tantas mudanças.

Gostei muito da empresa, mas se for selecionado, a Cássia me falou que precisarei me adaptar a todas essas determinações, terei que me reeducar para aceitar as diferenças.



E É SO O COMEÇO...

Pessoas Trans e o mundo do trabalho

Enfrentando preconceito em ambientes educacionais e corporativos, travestis e transexuais têm muita dificuldade de inserção e progressão no mundo laboral. Assim, 90% dessa população sobrevive da prostituição. Aos poucos, a inclusão está acontecendo, mas ainda há muito progredir. E o estado precisa fazer sua parte, por meio de políticas públicas.

A população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros) está entre as que mais sofre para conseguir inserção e desenvolvimento profissional. O subgrupo da população trans tem de enfrentar desafios ainda maiores. Ao assumir a transexualidade, boa parte das pessoas é excluída pela família ou até expulsa de casa, além de sofrer bullying, o que torna complicado frequentar uma instituição de ensino. Sem formação e com muitos empecilhos, entre eles a discriminação de empregadores, arrumar trabalho é meta quase inalcançável. Essas são algumas das conclusões dos participantes do workshop LGBT e democracia, promovido pela Andi e pela Ben & Jerry's, em São Paulo. O que poderia ajudar a mudar o jogo são políticas públicas e, infelizmente, o Brasil conta com poucas voltadas a esse público. Mesmo que vagarosamente, no entanto, alguns avanços têm sido implementados por meio de regulamentações.

Entre eles, a cirurgia de mudança de sexo realizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e o direito de usar o nome social em cargos e universidades públicas, no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e nas candidaturas para as eleições deste ano. Recentemente, transgêneros, transexuais e travestis ganharam um incentivo para estudar ou retomar os estudos. A Universidade do Estado da Bahia (Uneb) anunciou a criação de cotas para essa parcela da população na graduação e na pós-graduação para 2019. Apesar de a decisão ter sido criticada por certos grupos, a direção se orgulha da decisão que “consolida a Uneb como uma grande universidade inclusiva e popular”, na visão do reitor José Bites. Iniciativas como essa, porém, são raridades, mas necessárias, como avalia o professor de psicologia do Centro Universitário lesb, Aldry Monteiro Ribeiro.

“A questão da vida trans envolve uma profunda exclusão social que começa em casa. À medida que a pessoa vai fazendo o processo de transição, a família, muitas vezes, tem dificuldade de aceitá-la. E quanto baixa a renda, maior a possibilidade de ser expulsa de casa”, explica. “A escola não sabe lidar com a transição, e a pessoa acaba sendo excluída da vida escolar. Corre riscos porque fica sem apoio social e, não raramente, acaba indo para a prostituição. Hoje, muitos trans não têm formação profissional por não conseguirem permanecer nas redes de ensino”, afirma. Alguns acabam se envolvendo com o tráfico de drogas pela dificuldade de encontrar oportunidades de trabalho formal. “Não há política pública de inclusão social e de trabalho para os trans. Existem algumas ações específicas, mas aqui em Brasília eu não conheço nenhuma”, conta.

A União Libertária de Travestis e Mulheres Transexuais (Ultra), em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UNB), fez uma pesquisa qualitativa sobre a empregabilidade da população trans na capital federal e constatou que trabalhadores sofrem preconceito no ambiente corporativo quando demonstram ou têm a transexualidade notada. “Algumas pessoas vão se sentir pressionadas a mudarem seus corpos para se enquadrarem no ideal de mulher ou de homem para conseguir se manter no espaço de trabalho. E isso não deixa de ser uma forma de violência”, afirma Maria Léo Borges Araruna, representante da Ultra. Os pesquisadores também constataram que transexuais brancos e de classes mais altas são menos rejeitados que os negros.

De acordo com a presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais

(Antra), Keila Simpson, falar sobre emprego para a população trans não é fácil. “O mercado de trabalho ainda não assume essa população. É claro que uma empresa ou outra contrata travestis e transexuais, mas muitos evitam colocar no currículo ou demonstrar sua condição de transexual ou travesti com medo da exclusão na vaga”, conta. Keila diz que isso acontece porque a maioria das empresas assume essas pessoas como homens ou mulheres indicados na certidão de nascimento. Para a presidente da associação, faz-se necessária a criação de políticas públicas específicas para abordar a questão. “Iniciativas de educação formal, incluindo essas pessoas em cursos profissionalizantes, são importantes para que elas consigam disputar o mercado de trabalho formal”, explica.

Parcerias são saída

Keila ressalta que iniciativas nesse sentido podem ser fruto de parceria da sociedade civil com o governo, com o objetivo de trazer reparação e reverter a exclusão dessa população. “Assim, essas pessoas não ficariam apenas na prostituição, que é o que acontece na maior parte das vezes, de acordo com dados da Antra: nossa pesquisa de 2017 revelou que 90% dessa população tinham essa atividade como fonte de renda”, explica. Além de formação, é importante contornar e promover conscientização entre os empregadores. “Pessoas trans podem ter um currículo qualificável para aquela aptidão, mas quando se apresentam para a entrevista e a identidade de gênero destoa da forma tradicional, como está no registro de nascimento, já vem a exclusão, a empresa nem deseja fazer o teste”, lamenta. Em vagas de atendimento ou contato com o público, é raro encontrar pessoas trans. De acordo com Keila, esses trabalhadores são mais aceitos em funções em que não precisam ser vistos.

“Atualmente, as empresas que mais empregam transexuais, transgêneros e travestis são os call centers, em que eles não atendem os clientes pessoalmente, apenas por telefone”, diz. Também é possível encontrar, com menos frequência, essas pessoas em caixas de supermercado e em casas, como empregadas domésticas. Após enfrentar barreiras na contratação, é preciso lidar com obstáculos na função. “Assédio moral e agressão psicológica sempre tem, tanto por parte dos funcionários quanto do empregador. É algo presente. A desqualificação das pessoas apenas pela identidade de gênero também é comum”, conta. “A sociedade ainda não enxerga a população trans como seres humanos. A visão é de algo que eu não saberia nem explicar porque não reconhece direitos nem potencialidades. Por causa da homofobia, essa população continua sendo assassinada, e nada é feito a respeito”, critica Keila. De acordo com a ONG TransGender Europe, o Brasil é o país em que mais transexuais e travestis são assassinados.

De acordo com a cartilha O Ministério Público e a igualdade de direitos para LGBTI, o Estado deve decretar providências para o acesso ao trabalho pela população LGBTI. Tomar todas as medidas legislativas, administrativas e outras que forem necessárias para eliminar e proibir a discriminação com base na orientação sexual e identidade de gênero no emprego público e privado, inclusive em relação à educação profissional, recrutamento, promoção, demissão, condições de emprego e remuneração; e eliminar qualquer discriminação por motivo de orientação sexual ou identidade de gênero para assegurar emprego e oportunidades de desenvolvimento iguais em todas as áreas do serviço público, incluindo todos os níveis de serviço governamental e de emprego em funções públicas, também incluindo o serviço na polícia e nas forças militares, fornecendo treinamento e programas de conscientização adequados para combater atitudes discriminatórias.

FONTE: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/euestudante/tf_carreira/2018/11/11/tf_carreira_interna,718800/faltam-vagas-para-transexuais-



Amanda Alves de Oliveira, 18 anos
Mulher, cisgênero, heterossexual, branca
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: amandaalves092002@gmail.com



Gustavo Luiz Costa Neves, 18 anos
Homem, cisgênero, heterossexual, branco
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: gustavoneves00@outlook.com



Heloise Assunção Paulino, 18 anos
Mulher, cisgênero, heterossexual, negra
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: assuncaohe-loise@gmail.com



Jamilly Gabriele Peixoto Cardoso, 18 anos
Mulher, cisgênero, heterossexual, negra
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: jamillycardoso1@gmail.com



José Riquelme Campos Brito, 18 anos
Homem, cisgênero, bissexual, branco
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: aluado389gmail.com



Kleicianny Michelly, 18 anos
Mulher, cisgênero, bissexual, branca
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: kleiciannycampos@gmail.com



Luana Lins Souza, 18 anos
Mulher, cisgênero, heterossexual, negra
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: luanalinssouza@gmail.com



Maria Eduarda Aleixo Soares, 18 anos
Mulher, cisgênero, bissexual, negra
Estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: aleixoeduarda4@gmail.com



Tamires Rodrigues Couto, 18 anos
Mulher, cisgênero, heterossexual, negra
estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: tamirescouto2@gmail.com



Thallyson Victor , 18 anos
Homem, cisgênero, heterossexual, negro
estudante de Design de Interiores
E.E.T.E.Pa - Francisco das Chagas
Ribeiro de Azevedo - CACAU
E-mail: thallysonvictor42@gmail.com

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G; BONFIM, Sayonara Naider (Orgs) - Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. São Paulo: Expressão Popular, IBTE, 2020 80p. Disponível em: www.antrabrazil.org. Acesso em: 20 out. 2019.

DELIZOICOV, Demétrio & MUENCHEN, Cristiane. Revista Ensaio | Belo Horizonte | v.14 | n. 03 | p. 199-215 | set-dez | 2012.

ESPOSITO, Eduarda. Faltam vagas para trans no mercado de trabalho, por discriminação. Correio Braziliense. Brasília, p. 1-13. 11 nov. 2018.

Haguette, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia / - 12. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidades e Educação. Uma perspectiva pós - estruturalista – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

PIO, Paulo Martins; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; MENDES, José Ernandi. Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores: práxis e prática educativa em Paulo freire: reflexões para a formação e a docência. Fortaleza: Eduece, 2014. 12 p. Disponível em: www.uece.br. Acesso em: 10/09/2020.

REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SILVA, Afrânio. et al. Sociologia em Movimento. Componente curricular: Sociologia.1ª ed – São Paulo: Moderna, 2013 –

SILVA, Mônica Magrini de Lima et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 23, n. 3, p. 677-692, set. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2015000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15/05/2020. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-12>.

ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. "Deixa eu te contar uma coisa...": possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. Revista Gestão Organizacional, v. 6, n. 3, p. 25-36, 2013.

VÍDEOS

SILVA, Josean Ricardo de Souza. Colorindo: Heteronormatividade na cultura escolar do Amapá. <https://www.youtube.com/watch?v=e9XZEP5a7tk> – acesso em: 20/09/2019.

A INCLUSÃO LGBT no mercado de trabalho e a luta por oportunidade. Rio de Janeiro, 2019. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7720241/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

PRECONCEITO é maior barreira para LGBTs no mercado de trabalho. São Paulo, 2016. (4 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HoVkTd8f6ek>. Acesso em: 08 jan. 2020.

